

Moradores esperam melhorias

BRASÍLIA — Se não há pesquisas sócio-econômicas tabuladas sobre Samambaia, basta um giro de algumas horas por aquela planície de casas, barracos e antenas de televisão para uma conclusão inequívoca: as histórias de vida, a ocupação, o amor ao lote próprio e o voto certo em Joaquim Roriz são comuns à maioria da população.

“O Roriz é o nosso paizão, o paizão dessa Samambaia”, diz Maria Eunice Francisco Lopes, 35 anos, natural de Planaltina, cidade goiana incorporada ao Distrito Federal durante a fundação de Brasília. Dona de casa, Eunice faz de tudo um pouco, mas nunca chega a receber um salário mínimo inteiro no fim do mês. De manicure, vira cabeleireira, costureira, lavadeira ou passadeira, à escolha do cliente.

Antes, ela, o marido e os dois filhos, de 4 e 16 anos, moravam num barraco da “invasão do Ceub”, uma tradicional favela que existia na Asa Norte do Plano Piloto, ao lado de uma universidade particular chamada Ceub. Agora, eles continuam morando num barraco, o de Samambaia, mas se sentem como se tudo tivesse mudado na vida da família. “Pode ser longe e ter assalto, mas aqui estamos em cima do que é nosso”, explica Eunice.

Ela encheu a entrada de seu barraco com cartazes de Roriz. Quer que ele volte ao governo “para terminar a cidade” e sugere três prioridades: creches para as mães que precisam trabalhar fora, como ela; policiamento maior e mais ostensivo e, enfim, a construção de uma igreja católica.

FÊ NO CANDIDATO

Maria José Bento da Rocha, 31 anos, é mais uma das incontáveis Marias de Samambaia, mas tentou sofisticar o nome dos filhos. A mais velha é Renata Cristiane, de 8 anos, e o segundo é Marcos Antônio, de 5. Ela mora na área dos “ex-inquilinos de fundo de quintal”, na quadra 510, e tem sorte de ficar pertinho da escola dos filhos. Mesmo assim, não se arrisca a trabalhar fora e se vira lavando roupa para duas vizinhas que são empregadas domésticas em Taguatinga. Cobra Cr\$ 1.500 por mês de cada uma e vive mesmo é do salário do marido, o vigia João Antônio Soares, que trabalha no Clube Florestal, na entrada da cidade-satélite de Taguatinga.

“Ele deve ganhar uns 20 mil por mês”, estima ela. “Mas não vai dar para construir tão cedo a casa de tijolo”, lamenta.

A família pagava uma taxa simbólica — “50 cruzados”, diz ela, sem atualizar a moeda — para morar no fundo de uma casa de três cômodos, de alvenaria, em Taguatinga. Agora estão todos num barraco de um cômodo só, que ela chama de “chiqueirinho”. “Mas estou feliz aqui. Prefiro morar no que é meu, mesmo sendo de tábuas”, explica, garantindo que seu voto é de Roriz “e de mais ninguém”. Ela e o marido são do interior de Minas, mas estão há mais de dez anos em Brasília. “A gente trabalhava na roça, não tinha nada e morria de trabalhar. Meu sonho era vir para a cidade.”



Ricardo Chaves/AE

Maria José: “Meu voto é do Roriz e de mais ninguém”